

Uma casa no campo

Esta casa é dele. Acabou ficando para mim. Não por uma questão de dinheiro. Sempre paguei por tudo. Paguei primeiro pela própria carcaça que indicava que ali outrora tinha morado gente. Paguei depois pelo material de construção. Também fui eu quem acertou, semana após semana, o salário dos operários. E da minha conta bancária foram sugados os sucessivos cheques que deram asas às mil e uma fantasias florais do jardineiro. O dinheiro veio sempre de mim. Ele é o legítimo proprietário da casa.

Esta casa é dele por uma questão de vontade. A vontade de ter uma casa longe de Copacabana foi dele. Foi dele a vontade de comprar por alguns vinténs a carcaça abandonada no meio do mato e mandar reconstruí-la a partir do zero quase absoluto. De procurar na Tijuca os donos velhinhos e os herdeiros malandros, de perder a paciência com assinaturas, reconhecimento de firmas, cartório e escritura — foi vontade dele, reconheço. De desenhar imaginativamente o sistema de águas e eletricidade que faltava, de reconfigurar as novas dependências, o telhado e o **caramanchão** — tudo veio da vontade dele. De **apreçar** e escolher material nas casas de construção, de conversar pachorrentamente com cada operário, de tendo-se na análise minuciosa da qualidade do trabalho executado. "Uma casa é construída para durar" — eram palavras ditas e repetidas por ele aos operários, que soavam a conselho e exigência. Também foi por vontade dele que foram impostos ao capinzal que circundava a carcaça — e praticamente a recobria — um jardim e uma horta que hoje fazem a graça do lugar e despertam os olhares cobiçosos dos vizinhos.

Foi minha apenas a força dos braços no volante e na troca de marchas, e o peso das pernas na embreagem e no freio. Atividade que durou o que tinha de durar, algumas horas de alguns fins de semana rodando com o carro pelos arredores das cidades serranas que cercam o Rio de Janeiro.

caramanchão: estrutura leve, construída em jardins, geralmente de madeira e coberta de vegetação, usada para descanso.

apreçar: perguntar ou discutir o preço.

Por que foi que, de repente, aquela carcaça atraiu irresistivelmente seus filhos?

— Pare o carro. Acharos.

— Acharos o quê?

— A casa.

— Só estou vendo um matagal.

— É ela! Só pode ser ela! Será a nossa casa no campo

[...]

Por que brotou a casa no capinzal e por que a casa veio cair nas minhas mãos? [...]

O destino das coisas é forte e humano. Ele pode ser constatado na paisagem caipira e ensolarada que emerge através da janela aberta nesta manhã. Pode estar no fio de náilon estendido que, faça sol, faça chuva, circunda a casa e nunca apodrece. Dele ainda caem aos frangalhos fiapos de bandetrolas nas cores verde, amarela e azul, completamente desbotadas. (Ele quis decorar a casa para uma antiga copa do mundo, a dos Estados Unidos. Dizia que a gente não podia decepcionar a esperança dos vizinhos mais humildes.) Pode estar em cada arbusto ou árvore que floresce quando tem de florescer. Pode estar em cada fruto que amadurece ao calor do sol e sob a água da chuva. Pode estar em cada pé de alface ou tomate que a empregada colhe na horta para a salada. Pode estar nas flores que colho no jardim e murcham na jarra. Todas as manhãs troco a água da jarra. Com tesoura corto o pedacinho final do cabo da flor, aquele que fica mais encharcado e prenuncia o apodrecimento. Mesmo assim as flores murcham numa velocidade que me assusta, a mim que nunca tive a **pachorra** de acompanhar com afeto a vida mais curta das aves domésticas ou dos cachorros. O destino das coisas é forte e humano, pode ser apalrado na falha que ele faz.

Ele me legou um vazio que não cabe em nenhum testamento. Um oco. Um oco preenchido com a casa. Posso dizer que a casa é um presente dele. O melhor presente que me deu. Aqui sobrevivo depois de ter **hipotecado** o apartamento da cidade. Vivo como posso depois de ter secado a conta bancária escrevendo cheques e mais cheques para o pagamento de médicos, remédios e hospitais. Foram sofridos, custosos e caros os últimos dias dele. Só eu sei. Aqui, imitando-o, aprendi a conversar com a empregada e a dar ordens ao jardineiro. Aqui pretendo viver até os meus últimos dias. Longe dos amigos, como era do gosto dele. Sem ele na casa presenteada por ele. Na casa que foi dele e hoje é minha.

Também estaria falando com a verdade se recorresse ao truque do presente. O melhor presente que ele me deu não é a casa. Ele me alertou para a ideia de ter outra casa, no campo. Foi ele quem me convenceu da validade da ideia. [...]

Esta casa é dele. Como está demorando a sua volta. Deixei de acompanhar o correr dos dias, meses e anos nas várias folhinhas oferecidas pelo açougueiro. Não tenho mais calendário em casa. De manhã, quando o cocoricar dos galos e o **sollejar** dos pássaros são mais **alvissareiros**, associo a minha voz à cantoria, dizendo e repetindo, alto, o nome dele. Depois, digo-lhe que continuo à espera dele para poder devolver-lhe a casa. Um dia destes ele ainda vai me responder.

De novo, examinando-a com orgulho, vai dizer que a casa está como a deixou, que o jardim está como ele imaginou.

— Você disse que eu não saberia cuidar da casa, não disse? Que era melhor **passá-la nos cobres** e cobrir a hipoteca do apartamento. Cuidei muito bem de tudo. Menos das bandeirolas verdes, amarelas e azuis. O vento e a chuva as rasgaram e a luz forte do sol as desbotou. Fantasiado de fiapos, ficou o fio de náilon esticado, circundando a casa. Intacto.

SANTIAGO, Álvaro. Uma casa de campo. In: BRANDÃO, Igrácio de Loyola et al. *Brilho nos olhos mortos e outras histórias*. São Paulo: Senac São Paulo: Luzuli, 2004. p. 93-96. (Coleção v). O conto trata, entre outras questões, sobre a homossexualidade, um tema que, embora seja polêmico, não pode mais ser ignorado pela escola. Questões de gênero, ao serem discutidas em sala de aula, preparam o aluno para lidar, sem preconceito nem violência, com a diversidade presente na sociedade.

pachorra: falta de prova, culpa imputada.

hipotecado: imóvel oferecido como garantia na tomada de um empréstimo de dinheiro.

sollejar: cantarolar em cântico.

alvissareiros: que trazem boas novas, promovesendo um acontecimento feliz.

passá-la nos cobres: emolir-se.

9. O título da obra sugere um tema bucólico (relativo à vida e aos costumes do campo). Contudo, o tema é outro. De que trata o conto?

[Redacted answer]

10. Onde e quando se deram os acontecimentos narrados?

[Redacted answer]

11. Assinale a alternativa que se aplica ao conto "Uma casa no campo".

- a) É a história de amor de dois moradores de Copacabana, no Rio de Janeiro, até a separação deles.
- b) É uma tentativa do narrador de preencher com a palavra o vazio que a morte do companheiro lhe trouxe.
- c) É uma forma de o narrador despedir-se da solidão em que se viu forçado a viver desde a morte do amigo.
- d) Expressa a necessidade e o desejo consciente do narrador de eliminar toda e qualquer lembrança do morto para seguir adiante.
- e) Representa a desistência do narrador de sua própria vida, ao decidir isolar-se na casa e esperar a morte.

12. No conto, as ações são reveladas ou inferidas pelas lembranças do narrador-personagem. Comente e/ou exemplifique com passagens do texto as características do narrador indicadas a seguir.

a) É homem urbano.

[Redacted answer]

b) Tem certo poder aquisitivo.

[Redacted answer]

c) Vive isolado, sozinho.

[Redacted answer]

13. O que representa a casa no campo nessa história?

[Redacted answer]